

DISCURSO SOBRE O MUNDO COMO HOSPÍCIO E MONSTRUOSIDADE

José Londe

Licenciado em História pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Especialista em Ensino de Filosofia

Membro fundador do Grupo de Estudo Nietzsche para Indigentes.

londe.ufal@gmail.com

Wellington Amâncio da Silva

Mestre em Ecologia Humana pela UNEB

Membro do Grupo de Pesquisa “Ecologia Humana” – UNEB/CNPq

Membro do (NECTAS) UNEB/CNPq

Membro do Núcleo de Estudos Socioeconomia do Desenvolvimento Sustentável

UNEB/CNPq;

Membro fundador do Grupo de Estudo Nietzsche e Indigência.

welliamancio@hotmail.com

Resumo: O presente ensaio foi proferido na primeira reunião do Grupo de Estudo Nietzsche e Indigência. Aqui, tratamos do desenvolvimento inicial do conceito de Monstruosidade e, neste percurso, demonstramos em muitos exemplos, a monstruosidade na história. Partimos de um conceito precisado no âmbito da palavra alemã inaudito, *Ungeheuer* – diferentemente da expressão grega que faz referência aos aspectos mais superficiais, por assim dizer, da monstruosidade, tais como tamanho e aparência. Desenvolvemos o conceito a partir da tríade “inescapabilidade”, “potencialidade” e “eventualização”. A discussão foi erigida a partir da obra de Nietzsche.

Palavras-chave: Monstruosidade. Civilização. Homem. Nietzsche.

Abstract: This issue was given at the first meeting of the Study Group “Nietzsche and Indigence”. Here, we treat the initial development of the concept of *Monstrosity* and in this way, we demonstrated in many instances, the presence of the monstrosity in the human history. We start a needed concept within the German word “unheard”, *Ungeheuer* - unlike that Greek expression that refers to the more superficial aspects, so to speak, of monstrosity, such as “size” and “appearance”. We developed the concept from the triad “inescapability”, “potential” and “eventualization”. The discussion was built from the Nietzsche’s work.

Keywords: Monstrosity. Civilization. The Man. Nietzsche.

“A guerra é para o Estado uma necessidade tão grande quanto a escravidão para a sociedade”. Nietzsche

“A vida é uma consequência da guerra, a sociedade mesma um meio para a guerra”. Nietzsche

“O homem é o melhor animal de rapina, e quando esta besta louca e triste chamada homem... é apenas um pouco impedida de ser de fato besta, logo irrompe a bestialidade da ideia”... ‘O homem é o animal mais cruel... ele é, além disto, “o animal mais corajoso’ e, quando pensa se mostra como um “animal que julga”. Nietzsche

“Se deus criou o mundo, então ele criou o homem para ser o macaco de deus, como uma ocasião ininterrupta para distração por sua eternidade longa demais”. Nietzsche

“O pressuposto da sociedade precisa ser o fato de que ela representa o tipo mais elevado de ‘homem’ e, a partir daí, deduz o seu direito de combater tudo aquilo que lhe é hostil, como o que é em si hostil”. Nietzsche

“Somente quem tem espírito deveria ter posses: se não a posse se torna perigosa para todos” Para os proprietários, como sua existência é sem conteúdo, o querer possuir mais se transforma em conteúdo de vida; tudo se dá como a sua diversão na luta contra o seu tédio. Eles se mascaram com cultura e arte, despertando com isso, “inveja junto aos mais pobres e mais incultos... pois uma crueza dourada no suposto ‘gozo’ da ‘cultura’ incita à ideia de que: a única coisa que importa é dinheiro”. Nietzsche

“A tirania levada às últimas consequências dos mais baixos e dos mais estúpidos (socialismo). A democracia moderna é a forma histórica da decadência do estado”. Nietzsche

Introdução

Não é incomum na história dos homens a aplicação do castigo como uma maneira de exprimir força, controle, ódio, amor, indiferença, diferença, tolerância, abuso, aceitação, compaixão, crueldade, festa, sofrimento, dor, alegria, exploração, extorsão, exclusão, espoliação, escravização, servidão, paralisação do corpo, contenção

do espírito, domesticação e alquebramento dos instintos, distinção como forma propositiva para justificar a natureza de que alguns homens nasceram para dominar, comandar, enquanto outros para obedecer, servir, serem dirigidos, arrebanhados, escravizados, e, quanto a esta realidade brutal, toda idealidade contra um poder descomunal – a besta disfarçada de homem -, se pui como tecidos envelhecidos pelo inaudito (*Ungeheuer*) tempo que a tudo devora. O termo inaudito usado aqui significa monstruosidade, no entanto, a despeito de a palavra comumente reportar para aquilo que é desfigurado, deformado, disforme, desconforme, desmedido, descomunal, horrendo, o monstruoso tratado neste artigo não é o fisicamente defeituoso que assombra com seu aspecto tenebroso, em que sua fealdade repulsiva causa o pânico, o medo, o pavor, já que para todo efeito se refere ao que é potencialmente ameaçador- é o antropófago, qual seja, é o devorador de homens-, aquele que precisa está bem distante dos normais, em que estes se persignam (Do lat. *per signum*) ao vê-lo porquanto é uma besta cotidiana que embora insista em viver sua “anormalidade,” a vive em plena existência marginal, é um indivíduo quasimodesco, cuja cifose é uma dimensão, uma perpetuação do grotesco, do horror, de tudo que é cosmologicamente feio, de modo que à sua condição de está aí e a forma pela qual se encontra enquanto si mesmo, a saber, a sua monstruosidade é física, a sua existência uma loucura. Tampouco diz respeito a qualquer ato que se caracterize pelo que costumeiramente se chama de violência, ora, ela é tão somente o efeito do que aqui se defende como monstruoso, importa-se, portanto, inferir que a monstruosidade é a dimensão sob a qual não se pode escapar, é aquilo que é maior do que é possível, do que as possibilidades, é o inescapável, o inevitável, uma extensão de uma força em que todas as outras são seus vetores avaliáveis. Pensando assim, o monstruoso não é o que de um ponto de vista moral se reclama para a legitimação de um comportamento desumano no homem, como se houvesse algo não humano neste ser que acreditamos, como se tudo que é cruel não tivesse seu pertencimento na alma dele, e, aqui, *psyche* é o próprio corpo, mas o corpo em toda sua forma física inteira, em sua plenitude. De modo que tudo advindo desse ser demônico, amor, ódio, paz, guerra, festa e crueldade, compaixão, solidariedade, fraternidade, mas também perseguição, violência, tortura, morte, prisão, domínio, mando, submissão do outro pela força, colonização como ação direta do mais forte sobre o mais fraco, enfim, todo tipo de controle é humano. Assim, não há no homem virtude nem tampouco vício, não há um bem e um mal, o homem apenas acontece. É este acontecimento neste ser

surpreendente, imprevisível, maravilhoso, inquietante, é ele que no aqui e agora, no instante de si-no-mundo se mostra a si e a todos o quanto estamos diante do inesperado, de modo a pensarmos, o que ele ainda nos reserva? É o acontecer do homem em sua grandeza, em sua enormidade que lhe confere múltiplas possibilidades não de escapar do monstruoso, mas de ser passível e limitado ante ao inevitável. Portanto, o que é possível cessa diante do monstruoso, do que é maior que todas as formas possíveis de escapes, do evitável. A monstruosidade é aquela dimensão única da qual não se escapa, é a força da natureza em sua potencialidade em que os que estão em seu entorno ou no alcance de sua energia não escaparão, como um infarto fulminante do miocárdio, um terremoto, um tsunami, furacões. A articulação feita pelo homem contra outro, o plano elaborado de matar deste contra aquele em que tal projeto é exitoso. Dessarte, não é o ato de matar que é monstruoso, não pode ser a ação em si, mas como fazê-lo, a forma pela qual se objetiva a investida em que tudo estar em aberto para múltiplas possibilidades do acontecer. Não se pode determinar o que ele reserva. Assim, atribuir ao homem um gênio mau pelo que acontece é idealizá-lo como sendo bom, como se na condição de bom, o seu contrário- o mau, não tivesse nele nenhum pertencimento. Mas o fato é que o bem o mal são termos medíocres e idealizados para se dar uma resposta ao grande problema da humanidade- o homem apenas acontece-, não no bem nem no mal, mas na vida; e o que é a vida senão acontecimento. A ideia do bem e do mal se objetiva na organização dos homens em sociedade para a obediência, o arrebanhamento e autoconservação. Assim, monstruosidade não é o mal, é o ingente, é o inaudito, é o *Ungeheuer*, o inevitável. Essa dicotomia em que o que é bom é o valor pelo qual o homem deve ser a sua própria encarnação, possui um *télos* que é a dissimulação do que na verdade ele é – um monstro no sentido de ser capaz de poder construir dentro de circunstâncias adversas formas outras de situações que cessam qualquer saída -, não permitindo por assim dizer nem ao menos a tentativa de fuga. Trata-se aqui de uma acumulação de energia que partindo do real, qual seja, do sistema como organização política e policial os mais fracos sucumbem, já que suas forças são diminutas, frágeis frente a ordem imposta por aqueles que monstruosamente cerceam a liberdade dos que sem energia se submetem ao controle, ao trabalho forçado, aos campos de concentração, aos de extermínio, aos campos de refugiados e, isso se dar por conta da grandiosidade do sistema em que as massas tornam-se impotentes, porquanto ele não permite nem ao menos chorar a dor da morte. A dimensão da monstruosidade não é a morte em massa

de milhões de pessoas, embora isso seja chocante, não passa de consequência do monstruoso, mas a impossibilidade de fugir do destino determinado por ele; o monstruoso como já foi dito é o que possui mais energia, é o que é enorme o suficiente para conter toda autonomia, toda à vida; o monstruoso é a absoluta impossibilidade de escapar dele. Não é a violência da morte, mas a violência do poder sobre a vida, da contenção das coisas, do controle sobre tudo; o monstruoso não é a vida se esvaindo, é a vida sem possibilidades outras. O monstruoso é o que impede o movimento. O movimento é aliado porque suas energias não são compatíveis com as infinitas forças, as quais convergem à monstruosidade, porquanto no seu desdobramento que implica numa contingencialidade em que o surpreendente se configura numa dimensão não só de padrão absoluto, mas, sobretudo, de gigantismo, de maneira que como a grande profundidade do oceano exerce uma pressão descomunal, sendo impossível à vida humana sobreviver sob tais condições, o que é monstruoso, assim, no plano da história vimos como o maravilhoso (o homem) é divinal, demônico por assim dizer; o bolchevismo, por exemplo, implantado por Lênin tirou as outras formas de pensar, extinguindo-as, construiu campos de concentração, primeiro para os que ele chamava de insetos nocivos- os imprestáveis ou os sabotadores, não porque conspiravam politicamente, mas porque não serviam para o sistema-, estes eram os bêbados, os preguiçosos, os gigolôs, os cafetões, as prostitutas, enfim, todos os que não eram possíveis de se adaptar ao novo modelo ideal de sociedade foram colocados em campos de trabalho forçado, foram fuzilados e acomodados em campos de concentração, depois foi a vez dos contrarrevolucionários, as organizações dos trabalhadores, a destruição de todos os conselhos, e tudo isso foi feito por Lênin. A monstruosidade do sistema marxista-leninista que é o princípio de todos os sistemas totalitários não se caracteriza pela matança, embora tenha sido lugar comum, ou muito vulgar tal carnificina promovida por ele, mas pelo apresamento de mais de sessenta e seis milhões de pessoas, ou seja, por todos estes que passaram pelo mundo chamado Gulag. É a inescapabilidade o monstruoso. O bolchevismo é um monstro. As possibilidades não existem para os que estão ao alcance do monstruoso, e Lênin mostrou exatamente isso em 1920, quando em seu comando os camponeses da província de Tampov foram colocados em campos de concentração e arame farpado por não quererem dar o pouco que tinham de sua produção agrícola. E isso tudo em nome do novo homem, em outras palavras, do bem. E mais uma vez está aqui o valor bom configurado no ideal do novo homem. *Mas o que é*

o bem? Não há valor mais promissor para a construção do monstruoso. O bom é um problema de cunho filosófico, já que quanto a esta dimensão humana se pode perguntar, o que é exatamente o bom ou se quisermos, o que é propriamente o bem? O que caracteriza com propriedade tal condição? Como se chegou a uma ideia do que é o bem, de modo que é substancial a interpelação sobre o que levou a busca pelo bem. Ora, se há uma dimensão que a história da filosofia reclama como o bem, e isso é um fato em Platão quando ele entre o belo e o bem, escolhe este como a ideia absoluta pela qual todas as outras ideias eternas foram lançadas no mundo da política, no espaço humano, consolidando assim o estabelecimento de padrões absolutos como por exemplo, a imposição das ideias a outras, tornando-se subalternas; temos portanto, aqui, no conceito de bem, e na elevação das ideias eternas para o plano da política no mundo dos homens a primeira elaboração de um totalitarismo no âmbito das ideias que começa com o conceito de bem, e se quisermos, o seu similar, bom, como antônimo do conceito mau. É fato que como seu contrário há o mal; o bem não seria construído e idealizado caso não houvesse um pressuposto. Mas o que é o bem e o mal? O bem busca esconder o que é humano, profundamente humano, o mal reprime a humanidade. Assim, não há bem não há o mal, o que temos são ideias cuja função é esconder e reprimir o que é humano. Mas fiquemos com o bem. O que a ideia de bem pode produzir além dela mesma? É pelo bem que se pode fazer tudo, é a partir dele que se constrói os sistemas de controle, totalitários, ora, foi em busca do homem novo que se fundou o monstruoso socialismo e seus campos de concentração de trabalho compulsório, de fuzilamentos e, tudo em nome do bem e pelo bem; é a constituição do homem novo, de um novo proletariado revolucionário a consumação do bem que deve se levar para toda humanidade, se quisermos, impô-lo, ou seja, não aceitando recusa, pois as consequências dela é o desterro, a morte, porquanto não se pode enjeitar o bem, porque se assim se faz não é outra coisa a não ser o mal, e o mal deve ser exterminado. Deste modo podemos concluir que no que pese a grande descoberta de Nietzsche a partir de seus estudos filológicos e históricos sobre a origem da moral em que ele encontrará dois pares de conceitos, bom e mau, mau e ruim, de modo que quanto ao primeiro par o conceito de moral está associado a uma condição- a de aristocrata-, àristos, ou seja, o melhor; é o poder, a outorga de concessão da misericórdia não por compaixão, mas tão somente pelo poder que lhe é próprio, é a técnica da guerra, o manejo exímio da espada e da lança que o faz bom, assim, o ruim é seu oposto, propriamente dito, o escravo. Tal

condição de bom constituía a moral do senhor desprovida até então de qualquer ressentimento, ou de reatividade; o segundo par se sustentava numa moral reativa, porquanto a condição de bom do aristocrata foi negada, para o escravo agora ele era mau, já que o escraviza, o maltrata, ora, se o senhor é mau, logo o escravo que assim o chama é o seu contrário, ele é bom; daí, surge pela primeira vez na história a ideia de bom e mau; vemos então, que é a aristocracia que primeiro constrói as ideias de bom e ruim, e que só depois com os escravos como reação, surgem as ideias de bom e mau, o fato é que em Platão o bom é a ideia das ideias como infere Arendt:”a diferença entre o bom e o belo, para nós com certeza e ainda mais para os gregos, é que o bom é aplicável e contém em si mesmo um elemento de uso. Foi somente iluminando a esfera das ideias com a ideia de bem que Platão pôde lançar mão das ideias para propósitos políticos e, nas Leis, erigir sua Ideocracia, onde as ideias eternas foram traduzidas em Leis humanas”. Como se pode ver, a ideia das ideias, o bem, é a que ilumina todas as outras e, a partir dela, Platão toma-as para propósitos políticos, fundando nas leis o governo da ideia, em que as ideias absolutas passaram às leis humanas. Aqui está na ideia de bem a origem dos totalitarismos, ora, o que é o homem novo do bolchevismo Marxista-Leninista senão o bem! O que é o homem perfeito, saudável cujo alemão é sua absoluta representação do Partido Trabalhista Nacional Socialista- Nazismo, senão o bem! O que é o Fascismo, a ideia de governar pela força para se ter o controle total da sociedade, senão o bem! Assim, pelo bem o Nazismo tentou construir um mundo novo, com uma raça pura, matando milhões para limpá-lo do mal, dos impuros; o Fascismo pelo bem de uma nação poderosa e como representante de tal poder, colonizou; o sistema instaurado por Lênin, a começar por ele, e não por Stalin, embora este tenha dado continuação ao seu programa e infelizmente o mais proficuo historiador marxista não tenha dito absolutamente nada sobre aquele, no que se refere ao início do totalitarismo, em toda sua vasta obra e, aqui, estamos falando de Eric Hobsbawm, o decano da historiografia marxista, o que lhe tira toda sinceridade na condição de historiador, neste caso, porquanto quem faz história deve ser pelo menos sincero, não foi diferente do Czarismo, talvez mais autoritário que este. O sistema Liberal, performático, uniformizador, com sua ideia de democracia, de liberdade, igualdade, fraternidade, é uma grande farsa, pois a igualdade é para os mais iguais e a liberdade é um discurso para tornar o homem mais obediente e, assim, controlá-lo. São formas absolutas de poder, são dimensões monstruosas sob as quais não se consegue escapar; talvez dos

regimes políticos monstruosos citados aqui, o mais difícil de detectar a condição de escravidão seja este último, porque seu fundamento é a dissimulação. O monstruoso não nos permite possibilidades. A mistificação como uma energia arrebatadora na cultura de massa, produzindo verdadeiros aluviões de seres humanos incapazes de pensar enquanto ser em si-no-mundo, reduziu-os, grosso modo, a sombras que representam, de modo inverso, suas próprias criações, de maneira que ainda que se reclamem como independentes, à medida que acreditem em sua total autonomia- o que é um engodo, porquanto não conseguem perceber as condições de reificação e fetichização os quais estão imersos por meio dos mecanismos de massa-, as grandes redes de televisão, de rádio, os famosos jornais escritos, os virtuais, as poderosas revistas de economia do mundo a serviço dos interesses das colossais instituições financeiras que organizam o mundo ao seu modo e determinam como as pessoas devem pensar. Todo regime político é totalitário, embora, no que diz respeito a sua forma de organização, sua forma de governo, seu sistema de governo se diferencie, sua função é organizar o pensamento para a obediência, seu *télos* é o arrebanhamento, é colocar as pessoas em posição de sentido. O monstruoso é uma realidade cotidiana e, o homem, é este cotidiano. O mundo moderno, da razão, dominado por essa Deusa, esse Cosmos produzido pelo esclarecimento (o iluminismo), essa dimensão iluminista que demoliu todos os valores absolutos, que derrubou a Deus por duas vezes, pois ele perdeu de forma definitiva seu espaço único para o secularismo e o Estado, as epistemologias, daí, a sentença de Nietzsche- “Deus está morto”, no vazio, promovido por ela, se desvela sua outra face- o niilismo, o movimento histórico do Ocidente segundo Heidegger; ora, é inegável, foi em pleno domínio da razão que aconteceram as grandes monstruosidades- colonização das terras do ultramar com a escravização dos povos autóctones, dos monstros humanos -, os brancos europeus, chamados imprestáveis - estupradores, assassinos, bandidos, prostitutas, mendigos, vagabundos, pederastas, hermafroditas, todos trazidos para as terras conquistadas para trabalharem em regime escravo; logo depois, trouxeram os povos africanos que produziram durante trezentos anos riquezas para o mercado mundial; a colonização, fruto da razão, deste instinto que tomou uma proeminência maior que os outros, o que é monstruoso, porquanto é seu pressuposto, é monstruosidade. O imperialismo, com a nova colonização dos continentes africano e asiático em que milhões de pessoas foram dominadas e suas culturas destruídas é um acontecimento que se deu no auge da racionalidade (da razão), é monstruosidade; O

niilismo, como seu irmão gêmeo, como o movimento histórico do Ocidente dentro da modernidade está exitosamente vitorioso, pois o mundo liberal construído com o propósito de arrebatar, mantendo as oligarquias em toda parte do mundo, produzindo fome e miséria nele, em que nunca se produziu tanta comida, mas nunca se houve tantos famintos e miseráveis, deu origem as duas grandes guerras mundiais com milhões de mortos, evidenciando o domínio do ódio e as guerras paralelas a estas como os conflitos tribais, étnicos, religiosos, nacionalistas, civis, todos, portanto, ideológicos e de dimensão religiosa, já que seu *télos* é um fim último, o que caracteriza o religioso dentro do secularismo e da racionalidade que marca as sociedades ocidentais. A monstruosidade do regime político liberal se faz efetivar pelo domínio ideológico e cultural, mas, sobretudo, pelo niilismo, pois este é o movimento histórico que conduz o Ocidente. As sociedades ocidentais se veem impotentes ante a este movimento, já que parece que ele as tragará e, isso, é possível perceber pelo fato que elas não resolveram os problemas do mundo como se esperava, porquanto essa era sua promessa como guias e tutoras de suas periferias, Ásia, Américas e África; tal impossibilidade estar na sua própria essência, elas só mantêm-se enquanto potência com o fosso entre as mesmas e seus monturos; o niilismo, esta monstruosidade que é o movimento histórico dessas sociedades se estrutura cada vez mais como seu cicerone.

Do humano em demasia

De fato, o estatuto de homens diferentes, no sentido de que a natureza destinou alguns poucos para o mando compondo um cosmos hierarquizado, em que estes ocupam lugares proeminentes dentro de uma ordem que impõe uma clivagem abismal entre eles, foi sem dúvida alguma uma obra do próprio espírito (instinto) da besta bípede que não hesita, que não recua quanto ao seu espectro extasiado, enlevado de dominação, conquista e alienação dos instintos medíocres, fracos, claudicantes, pusilânimes, débeis, desfalecidos, incautos, ingênuos, crédulos, ineptos, exangues, inermes e indolentes- exatamente a estes, portadores da moral do ressentido, do fraco, que cai o chicote do senhor, já que a condição de pobreza, de miséria, acaba vencendo a moral do forte, de modo que um mundo construído na tartufice é ruim, porque o devotamento é falso e tem uma finalidade-, é dar conta de uma realidade hipócrita cuja objetivação é a negação da própria vida. Assim, uma sociedade erigida pela bajulação é doentia. Mas, quanto ao dar

as costas ao outro, é preciso dizer, a instauração da indiferença entre os homens, repousa o seu começo em uma das mais poderosas armas, com a qual se ocupa, coloniza, domina e escraviza- a gramática da linguagem -, não por acaso, diz Nietzsche quanto ao sujeito “é um hábito gramatical.” A política que é pura linguagem e gramática, expressa, ou para melhor dizer, confirma livremente, a monstruosidade que é o homem, porquanto, conquanto tal alimária esteja apresada no mais esconso interior do corpo cativo de uma ilusão chamada sujeito, a violação deste ser onírico é uma constante irrefreável, já que, como se sabe, a política, partindo de sua própria etimologia revela à força brutal do bicho homem que não se cansa de fazer o que ele instintivamente não consegue impedir- o exercício da violação, do poder, da incansável busca dele, da conquista, da guerra, da violência, da colonização psíquico-física (linguística e cultural), da expropriação, da dominação ideológica, econômica, militar; assim, o homem, este sujeito construído, artista das ideias, que se arroga superior aos outros animais, que reclama para si o status de Deus, qual seja, uma divindade epistemológica, a mais perfeita da criação – a metafísica da criação perfeita, a mais bela criatura forjada por um Deus que idiotamente ele chama de pura perfeição e na sua mediocridadizinha infantil o conjura como o infinito amor-, desconhece que o que ele cultua são suas próprias ideias, um conjunto de frases superpostas que como ele deixarão de existir, porquanto são somente, e, tão somente, hábitos gramaticais. Não é possível a depender da linguagem como uma dimensão que está acima do mundo que ela representa, contento por assim dizer as formas da facticidade em que todas as possibilidades do existir (DA SILVA, 2014), do estar aqui no mundo, do ser-no-mundo, que se possa prescindir da avaliação de toda materialidade transfixada por ela; ora, a linguagem não cria o factual, o que está posto, os entes, portanto. Mas, cria indiscutivelmente a realidade, as verdades pelas quais o material e as subjetividades se configuram; tem em si sua existencial veridicidade não como as possibilidades do fenômeno, mas identidade arbitrária em que ele perde diametralmente suas infinitas aberturas, se tornando, tão somente, uma obra pictórica manipulada por ela, mais que isso, esta lhe dá identidade. Diante de uma evidência que toma a todos de uma forma absoluta, em que nos encontramos imersos ou aprisionados dentro de uma dimensão que nos plasmou em signos de uma gramatologia, que o que somos não se limita apenas ao que acreditamos ser, mas como passamos acreditar e, essa passagem, só se tornou possível por meio da linguagem, tal fenômeno consolidou-se à medida em que ela sem

que esperássemos aconteceu no homem. Assim, a linguagem expressa não só os nossos instintos mais primitivos, mas consegue construir outros dando significados diversos as possibilidades do ser. De modo que a linguagem não apenas constrói as verdades, mas, sobretudo, reelabora-as de uma forma em que elas se tornam impedimentos para outras maneiras de acontecimentos, na verdade, a dimensão dela é monstruosidade, à medida em que seu preterimento é impossível, e, sendo assim, ela é o constructo de fatos passivelmente interpretativos, ou de interpretações infinitas sobre o fenômeno. E a história do homem não pode prescindir dessa vontade de dá sentido as coisas, porquanto há uma necessidade ontológica que o leva para essa incessante busca do sentido, já que parece haver um vazio nele, um vazio que não é um teologúmeno, não se trata aqui daquilo que a mais decadente moral (o cristianismo) diz- Deus, mas, de um esquecimento que é atávico no ser, portanto, como o que é jogado no mundo – Dasein, está em um fluxo transcendental permanente. Tal esquecimento impele o homem a significar o mundo para ter um mínimo de sentido. O sentido dado por ele é de uma história trágica, violenta, de dor, do desconhecido, do sofrimento, do medo da morte, enfim, de toda facticidade. É uma história do uso da força. O homem, não é como diz Hobbes, “um lobo para o homem”, mas, definitivamente, o homem para o homem. Não há porque compará-lo a um lobo, como se o lobo fosse a violência encarnada, como se houvesse violência nele, e o homem por sua vez, seria apenas um reflexo deste num espelho embaçado. Tal concepção do homem é medíocre, já que o que se quer é nesse jogo de metáforas, nessa escondida, é negar o que ele de fato é - homem! É isso que não pode ser desvinculado. Ele é homem! Um animal obviamente, mas nunca um lobo. Não importa o que Hobbes quis dizer com tal frase. O fato é que assemelhá-lo a um animal é tentar torná-lo animal, como se ele não fosse, no entanto, o homem é mais um animal entre tantos. E como animal sabedor de que existe, diferencia-se dos demais. Ele construiu a si-no-mundo, como uma récula que sabe, que articula a linguagem, e, a partir dessa técnica (*tékhne*), dessa arte, de um modo bem diferente das demais bestas, busca ser dessemelhante, pelo menos no trato à violência, a conservar as suas pulsações caracterizadas por seus instintos naturais escamoteados por habilidades gramatológicas. De modo que assim, como um ser constituído por gramática de infinitas frases, torna tudo ao seu entorno como transcendência, resultado de um esquecimento, que tem como pressuposto a vontade de poder, porque aquela é um devir constante, não porque há uma carência, mas pelo fato de que a vontade de potência o empurra como ser ôntico que é a

dá sentido aos fenômenos, em discurso, ou seja, em uma unidade linguística maior do que uma frase, em enunciados, em apenas uma fala. Dessa maneira o homem faz sua história. Ele a elabora ao seu modo, usando incessantemente o conhecimento para a concretude de seus interesses, o estabelecimento de seus domínios, levando sempre em conta para legitimar o poder, de que a história é a dos mais fortes e cabe aos fracos só a obediência. O mundo dos homens amarga em dor. Sua história é brutal, selvagem. A história não é outra senão apresamento de homens por homens, instituição de violências, legitimidade do sofrimento, do castigo, do isolamento, do desterro, mas também de uma busca da esperança para um mundo melhor, no entanto, tal ação não expressa outra coisa a não ser o desespero em viver sem esperança. O mundo dos homens é desesperado. Não podia ser diferente, já que sua capacidade de criação, sua inventividade de construção de ilusões, torna-o fugitivo de sua própria existencialidade desesperançada. Ora, a esperança, como o próprio vocábulo exprime, é tão somente a incapacidade de se atingir o que se espera, assim, ela é impotente porque não pode realizar-se, tendo em vista que o que pressupõe a impossibilidade de vontade de realização de qualquer desejo é a ausência do objeto desejado. A esperança, num sentido Nietzscheano, é mais uma moleta, fruto de um metafisismo atoleimado, infantil e idiotizado! No fundo, é o alto valor que no mundo manicômico, o homem desesperado, monstrualizado, não tem o seu lugar. O mundo dos homens ou a história da humanidade foi, é, e continuará sendo o palco da ira, da aflição extrema, do desespero humano, das incertezas; será sempre inquisitorial, panóptico, policial, da condenação, do opróbrio, da dominação e domesticação dos espíritos em frangalhos e desprezíveis. Não por acaso, a história é dominação dos mais fortes – os nobres sobre os pobres, o senhor sobre o escravo, de um tipo chamado burguês sobre um tipo conhecido como assalariado; assim, é a história da violação do corpo, do tritramento dos acanhados que não conseguem erguer-se, mas sempre estão de cócoras e, quando decidem ter nobreza de vontade são acoimados, detidos, violentados, mortos por ter tido a coragem de ter se erguido pelo menos um pouco, de modo que é indiscutível tal realidade no que diz respeito a radicalidade da sinceridade do que é a vida: aqui, devemos pensar na raiz, até ao fundo, e guardemo-nos de toda fraqueza sentimental: “a vida mesma é essencialmente apropriação, ofensa, sujeição do que é estranho e mais fraco, incorporação e, no mínimo mais comedido, exploração” (NIETZSCHE, 2014, p. 154.). Não é preciso uma deambulação especulativa no campo da investigação histórica,

antropológica, filológica e etnológica para se verifica que a vida embora não possa ser avaliada, no entanto, para além disso, ela é agrilhoamento, enxovia, corpo carcerizado, estuprado, violado, sob ferros, venalizado, de maneira que ela está constantemente perseguida, vigiada, assim, o que resta é venatório e controle. A violência é uma energia constante, orgânica, porque é pensada pela razão, mas também por ser fisiológica e faz parte da própria vida como função física orgânica, e não se limita as sociedades corruptas e imperfeitas, como se ela fosse uma realidade simplesmente social ou como se quisesse negar covardemente a própria natureza humana:

[...] a exploração não é própria de uma sociedade corrompida, ou imperfeita e primitiva: faz parte da essência do que vive, como função orgânica básica, é uma consequência da própria vontade de poder, que é precisamente vontade de vida. Supondo que isto seja uma inovação como teoria - como realidade é o fato primordial de toda a história: seja-se honesto consigo mesmo até esse ponto (NIETZSCHE, 2014, p. 155).

Assim, o mundo da vida é a real manifestação dele como dor, ansiedade, medo do que estar por vir, já que não se tem certeza de nada. A vida em si mesma é um calabouço, um recolhimento desesperado, um cuidado em não se perder, uma insistência patológica em continuar mesmo sob a exploração. No entanto, a vontade de vida, de continuá-la, apelando para o Deus da continuação ou conservação, esbarra numa realidade chocante:

De que a vida está nas mãos do Deus da morte, ou seja, de que ela é finita, para ser bem preciso, de que a morte dará conta dela, já que não é dona de si mesma, mas aquela é sua poderosa senhora (SCHOPENHAUER, 2001, p. 289.).

A vida não passa de um hospício, onde a loucura é sua ilustre paciente, mas é monstruosidade, porquanto a violação é sua própria essência, ou seja, não pode haver vida sem avaliação, a não ser no mundo das idealidades. A pulsação pela morte é uma constante. É claro que ela não só é depositária de tal pulsão, e que nela residem outras, como a vontade de viver, de se perpetuar, daí, a ilusão idealista de que se há um impulso desta que a impele a insistir a existir, e que sendo assim, a natureza se preocupa com a singularidade, então, o homem (vida), é o objeto de interesse desta no sentido de mantê-lo vivo; aqui, tal concepção idealista é de uma ingenuidade gritante, porque se perde numa metafísica que já é peso morto, pois insiste na continuação como se fosse um

plano divino. A natureza é brutal, e sua frialdade consiste, pelo menos no que diz respeito aos indivíduos, em nenhum interesse por eles; não há por parte da natureza, basta observar, nenhuma preocupação com os indivíduos, já que o seu objetivo é a espécie. Quanto a essa realidade Schopenhauer é claro:

A finalidade evidente de todas estas imagens era desviar os nossos olhos da morte, do defunto de quem se celebrava o luto, e, através de um esforço violento elevá-lo até a consideração da vida imortal da natureza; assim, sem chegar a uma noção abstrata dessa verdade, fazia-se, contudo, entender aos homens que a natureza inteira era a manifestação da vontade de viver e a sua efetivação. Esta manifestação tem como forma o tempo, o espaço e a causalidade, depois, e por consequência, a individuação, de onde provém para o indivíduo a necessidade de nascer e morrer, sem que, aliás, esta necessidade atinja em nada a própria vontade de viver: em comparação com esta vontade, o indivíduo é apenas uma das suas manifestações, um exemplar, uma amostra; quando um indivíduo morre, a natureza no seu conjunto não fica mais doente; a vontade também não. Não é ele, em suma, é só a espécie que interessa à natureza ; é por ela , pela sua conservação que a natureza vela com toda solícitude, com tantos cuidados, desperdiçando sem contar os germes, ateando em todos os lugares o desejo de reprodução. Quanto ao indivíduo, para ela não conta, não pode contar: não tem ela diante de si essa tripla infinidade, o tempo, o espaço, os números dos indivíduos possíveis? Assim ela não hesita nada em deixar desaparecer o indivíduo; não são só os mil perigos da vida corrente, os acidentes mais ínfimos, que o ameaça da morte: está-lhe destinado desde a origem e a natureza para lá o conduz ela mesma, uma vez que ele serviu para conservação da espécie [...] (SCHOPENHAUER, 2001, p. 290).

Dessa forma, não há espaço no mundo como objetivação da vontade, como espelho da vontade para nenhuma manifestação do divino, para um destino glorioso do divino, para um fim último do indivíduo, enfim, para o indivíduo como um iluminado, privilegiado; se, e tão somente se houver alguma vontade nele, constitui-se em apenas vontade de viver para a conservação da espécie, no mais, o indivíduo (corpo animal), reduz-se tão somente, em nascimento e morte. Eis aqui, a monstruosidade! O indivíduo como um mísero exemplar da natureza não significa absolutamente nada, apenas ocupa num espaço e tempo que acidentalmente surge, o seu lugar de espécimen cuja função é dá continuidade a sua espécie, porque é ela a *dura-mater*, a grande membrana espessa encefálica medular espinhal, para ser bem preciso – a ocasião onde o indivíduo nasce e morre. Não há como escapar de tal realidade, não há como evitar, antecipar, impedir,

intervir no processo de deterioração, mutação, lividez e desaparecimento dos organismos. É necessário que sejamos francos - o indivíduo que agora vive, pois insiste em viver, até porque a vida é vontade, é o mesmo que em um pouquinho de tempo estará morto. Assim é a natureza. Ela não tem contrição, não se comove; não se enluta; não se compadece, não tem misericórdia; ela é dura, selvagem, monstruosa! É preciso encará-la sem sentimentalismo, como aquele que tem impertérito! O aterrorizar-se ante a natureza pelo simples fato de ela ser pura monstruosidade é algo comum à vida, já que o indivíduo na sua simplória existência entende que seus limites são ínfimos, donde, daí, parte o desespero, o medo, a insegurança, o sentimento de fraqueza, como também a incansável busca de uma fuga do ingente (monstruoso), a natureza, como diz Schopenhauer: “*Natura no contristatur*”. A aflição, a dor, o sofrimento, o desespero humano é parte essencial da vida. Ora, é aquilo que não pode prescindir, em suma, é inerente a ela. De modo que no que diz respeito estritamente ao homem, como animal que é- a besta *ratio* por excelência, o seu mundo é o cenário material da contensão do domínio, dos conflitos, da luta encarniçada pelo poder, pelo controle, pelo esforço de comandar, pela compulsoriedade, pela força, pelo ódio, pelo egoísmo, é o espaço da corrupção, da violência simbólica, sutil, da institucionalização da fome, da guerra total onde os fracos são mortos deliberadamente sem ressentimento, compunção ou quaisquer tipos de sentimento de misericórdia, pois os valores perderam-se no niilismo (na razão), e, aqui, não adianta idealizar a compaixão, como se ela fosse o maior dos valores, o que não é verdade, pois o que há é o vício do mando, por isso, os homens ainda não se destruíram, já que é preciso manter o que está aí- obediência, de modo que se torne regra para assim haver a incorporação-, o uso do outro numa sincronia de utilidades porque os interesses são os mesmos àqueles que se arrogam os eleitos por um destino teleológico-escatológico, servindo-se, de um discurso cuja finalidade é a perpetuidade do controle dos corpos que historicamente a humanidade cultivava; desse modo, a morte, a obediência e o comando e a escravidão são na espécie humana imanente. Assim sendo a humanidade constrói mecanismos outros, ou formas de organização para mantê-los. Nos tempos remotos, quando os homens num período que arbitrariamente os historiadores chamam de primitivo, a antropofagia e o assassinato era o costume efetivado para se livrar dos inimigos, dos que dentro do grupo infringiam as regras, como também daqueles externos que ameaçavam suas vidas e seu território, logo depois, deram um avanço, instituindo a escravidão, pois já não matavam sumariamente, nem tampouco

praticavam agora o canibalismo, perceberam então que se poderia manter o estatuto do assassinato com o escravismo, porquanto, à medida que o escravo trabalhava compulsoriamente produzindo riquezas, pouco a pouco o seu desfalecimento ocorria, tempo suficiente para substituí-lo; destarte, o estatuto da morte, da crueldade continua, mas de uma maneira diferente.

A Economia da Monstruosidade

O *assalariadismo*¹, portanto, não passa de uma organização dos homens cuja objetivação é a permanência da mesma obediência tão vetusta quanto à própria humanidade, da crueldade e da morte, já que em tal sistema os homens produzem com seu trabalho, vendendo-o em troca de um salário (assalariadismo) riquezas durante toda sua vida para o enriquecimento de poucos, ao passo que de tanto em tanto, mesmo com uma durabilidade maior, suas vidas se esvaem e são ocupadas por outras mantendo a obediência, na verdade, um novo tipo de escravidão. O que temos aqui é o eterno retorno, não no mesmo ponto, pois seria um fatalismo, mas um retorno de outras perspectivas do obedecer, do escravizar e da morte. Os regimes políticos entre os gregos antigos, democracia, isogoria, oligarquia, tirania, como no mundo moderno, nada mais são do que formas de arrebanhar os homens para a obediência; a república como modalidade de governo e seus sistemas de governo- presidencialismo, parlamentarismo que pode ser liberal, autoritário e totalitário é um instrumento de controle e de organização das pessoas em rebanho (DA SILVA, 2016). As instituições de ensino são poderosas organizadoras da mente humana. É preciso ordenar para a conservação da ordem; as instituições religiosas com seu poder espiritual, os poderes políticos-legislativo e executivo, o judiciário, o policial, os movimentos partidaristas ideológicos, sejam eles legais ou ilegais-, iluminismos, veladores da razão, irracionalismos, anarquismos ou comunismos: socialismo científico, não há nada mais positivista, marxismo-leninismo, marxismo – vulgar – estruturalista, marxismo – culturalista,

¹ Opção escolhida à palavra estereotipada “Capitalismo”. Pensamos que a adoção desta última corromperia nosso texto na medida em que esta funciona dentro e a partir de um regime dicotômico que além de óbvio legítima Dois Poderes históricos e opressores, e, por casa disso, falidos: Capitalismo, Socialismo, Comunismo, Anarquismo, Liberalismo, Neoliberalismo, etc. são discursos de aprisionamento do espírito e da própria existência. O assalariadismo, por sua vez, diz respeito à realidade concreta dos sujeitos sob o regime de *monstruosidade prolongada*, qual seja, a “morte adiada a partir da razão calculada para deixar subsistir segundo os interesses daqueles que deliberam salários”, sendo que “assalariadismo”, não se esvazia enquanto discurso, conceito ou somente linguagem.

marxismo – gramscianista; o liberalismo clássico, o neoliberalismo, o nazismo, fascismo, nacionalismos, feminismos, machismos, generismos, etnicismos, pós – modernismos, colocados todos em suas urnas funerárias, pois os indivíduos que deles participam não passam de mortos ante um sistema que os oprime, que os faz convergir em grupos em busca de reconhecimento que passa necessariamente pela instituição de identidades para se ter proteção diante de uma violência brutal perpetrada pelo Estado, pela própria sociedade, pois se esta pela força os impõe cada um no seu quadrado para que sejam reconhecidos, o que já é uma violação dessas singularidades em possibilidades de acontecimentos, os acomoda para a manutenção do poder, e os permite fazer suas manifestações no limite, todos esses tem suas formas de impossibilitar outras maneiras de acontecimentos. E obliterar formas de acontecer é monstruosidade. É claro, o acontecer na história dos humanos como o nascimento e a morte, é um ciclo da vida, no entanto, o primeiro se pode evitar, quanto ao último, é inevitável, porquanto se pode tirar tudo da humanidade menos o acontecer do desaparecimento, o primeiro é possível não se consumir, já que o conhecimento é que determina se quer ou não, o segundo o conhecimento não tem poder sobre ele, aqui, o acontecimento de já não está o ser-no-mundo, ou seja, a impossibilidade da continuação do ser-no-mundo se dar porque não é praticável, em hipótese alguma, a retirada da finitude humana. De modo que o acontecer como finalidade não última, mas como acontecimento finito na humanidade é monstruoso, pois é impossível evitá-lo. Dessa maneira, se entende que a humanidade está á mercê desse fenômeno e não podendo fugir dele busca esse fim último, seja em Deus, mas como um pensamento sobre ele está morto, ou uma tradição religiosa morreu – nas ideologias, tal fim último talvez seja uma demonstração de um transcender que possivelmente é um pertencimento próprio da humanidade, mas não um transcender teológico, embora ela interprete assim, mas ontológico, ou seja, não é vertical e sim, horizontal; é um transcender que estar buscando aberturas, portanto em movimento constante. Esse transcender é um fluxo permanente no homem, e o que o mantém como força é a vontade de poder que como uma realidade ôntica, que pertence ao ente, o leva para a objetivação da própria vontade. Assim sendo, a vontade está em tudo, faz parte dos entes, de maneira que o brotar de uma pequena flor em meios a arbustos é a própria vontade, que nesse caso, é potência de vida. A vontade de potência é parte da própria vida, assim, ela se mostra em todas as formas de acontecimentos, desde o nascimento á morte; deste modo à história é

perpassada por esta, haja vista que, o homem, no que diz respeito ao movimento histórico, o faz ao seu modo. A história da humanidade como vontade de poder se objetiva na efetivação do processo avaliador da vida, já que aquela, como potência que empurra o movimento da história não numa dialética teleológica levada por duas forças em contradição, em que no fim o escravo superará sua sujeição ao senhor, ou que é ele o senhor pelo fato de construir à cultura, mas porque não há apenas duas forças em contradição, são forças em choques permanentes, e, o senhor e o escravo são agentes ativos da história em eterna luta, porquanto ela não tem um fim. O trágico, no entanto, nesse conflito é o que marca a história, o palco do mundo dos homens é o canto do bode, o sacrifício, não por acaso o genocídio é a sua mão mais poderosa. Esse canto religioso que acompanhava o sacrifício de um bode no culto a Dionísio, essa festa do holocausto, em que o corpo é vitimado e elemento fundamental para a efetivação do sagrado, de forma que sem ele o santo (sagrado) não podia se realizar, e, aqui, é preciso que se faça uma análise dos termos em latim e grego para uma compreensão do sentido deles já que provém do mesmo tronco. Em latim, *sacrum* é copiado do grego *hierón osteon*, osso que sustentava as vísceras dos que eram imolados em sacrifício aos Deuses. Destarte, vemos que sacrifício (holocausto) e sagrado (santo) tem a mesma origem, portanto se trata de uma festividade santa (pura) que tem na imolação de uma vida a cutelo e no descarnamento dos ossos, em que parte da carne era polvilhada e colocada no fogo para que seu cheiro chegasse as narinas dos Deuses e assim pudesse aplacar seu ódio, enquanto o que sobrava era servido aos bacantes, um culto a vida. O mundo cristão vive sob o signo do sacrifício, não é a toa que o Deus cultuado foi imolado como vítima para a satisfação do primeiro da tríade e, segundo os fiéis, para o resgate da humanidade. Vemos aqui, o trágico (o canto do bode) como um evento cósmico, em que Deus se imola para a salvação do cosmos. As festas cristãs são celebrações de agradecimento pelo santo sacrifício. Na história da humanidade é necessário o holocausto, sempre que for possível purificar a terra, os homens e, quando for indispensável aos interesses de alguns, o genocídio. O cristianismo não só cuidou dos pobres como soube cultivar (cultivar) o sacrifício, durante mil anos como forma de purificação, levou um número incontável de pessoas a fogueira, criou as mais sofisticadas máquinas de tortura na certeza de salvar a alma do castigo eterno com o suplício e a morte do corpo, acreditando fazer um bem aos homens e a Deus. A história do cristianismo é também a do sacrifício. Mas essa é a dos homens; é preciso a ablução

para a elevação do espírito! A violência não é fruto de forças econômicas, ou como dizem os marxistas – dos modos de produção, que leva em conta a forma como a riqueza é produzida, em que as forças produtivas –, escravos, servos, assalariados por serem explorados por seus respectivos senhores, patrões, porque detêm os meios de produção acumulam toda ela, deixando – os na miséria, determinam – na. Tal olhar economicista não é suficiente para explicar esse acontecer humano. Desta forma, ela não só faz parte da história, mais que isso, é humana, esteve sempre dentro do homem. Afirmativamente, a violência não é consequência da exploração, dominação, ou da miséria como vemos nas sociedades modernas, de modo que em todas as sociedades, em todas as épocas, em qualquer lugar em que os humanos estejam ela está presente. O discurso de que é a desigualdade, a ausência de comunismo, de uma sociedade horizontalizada, da solidariedade, do comum, do privilégio que está à gênese de todo conflito, das guerras, portanto da violência, é bucólico e um engano. Em qualquer sociedade há violência, porquanto é humana, espiritualmente humana. De modo que todas as perspectivas de modelos idealizados de sociedades que apontem para o fim dela negam o estado de guerra que é o homem. A violência é atávica a espiritualidade humana. Ela foi compreendida e contida de maneiras diferentes em diversas formas de organização social. As sociedades tribais foram organizações mais ou menos comunais, em que as trocas culturais eram constantes por meio do escravo de guerra que trazia consigo conhecimento, ideias, rituais, e formas outras de organização social e que promoviam de certa maneira um estado de paz razoável, ou seja, as trocas sempre foram inibidoras da guerra. No entanto, no que pese o fato de as transferências mútuas no campo da cultura, aplacarem as guerras, elas são por sua vez centrais na vida dos povos tribais. As relações entre as tribos são por definição de inimizade, de desconfiança, de modo que o que caracteriza as sociedades primitivas ou tribais é o estado de guerra. Assim, não é a fome, nem as necessidades materiais, nem tampouco as rivalidades comerciais nas tribos as causas da violência, seja pelas guerras ou pelos rituais antropofágicos em que se come o outro para se absorver seu conhecimento. É bom que fique claro, não são as necessidades de assegurar o alimento ou materiais que levam as tribos à guerra, a violência, destarte os esquimós que vivem no Alasca, região inóspita e os aborígenes no deserto da Austrália são conhecidos por serem pacíficos. A guerra está no coração do homem, em seus nervos, carne, medula, pele, no sangue, na alma. As formas pelas quais se pode impedi-la, talvez sejam as trocas entre as tribos, enquanto

que as transações malsucedidas são aberturas para ela. E isso acontece não por necessidade do material, embora seja imprescindível, mas pelo intercâmbio cultural. O sacrifício, como resultado dela, é um culto à vida. Ora, os povos pré-colombianos, as grandes “civilizações”, incas, astecas e mais caçavam os homens caçadores e coletores para escravizá-los, para o suplício e o sacrifício no culto à vida. As guerras tribais, mesmo nas sociedades duais e segmentares eram parte do cotidiano delas, conquanto fossem comunais, não eram consensuais e igualitárias; havia diferenças entre os sexos, de classes, e os grupos de idade, de prestígio entre pessoas, de tamanho, local de moradia e de riquezas entre grupos de parentesco, o que possibilitou conflitos dentro das tribos. Portanto, o comunal, em que tudo é distribuído de acordo com a necessidade, onde cada um produz o necessário, não significa que haja um igualitarismo total. Assim, a violação da vida pela guerra, pelo sacrifício, pelo privilégio é o que há de mais humano. A guerra tem sido na história um princípio fundador daquilo que é estritamente humano – a humanidade a faz porque é niilista e, o fato de que o é, se evidencia nas diversas formas de construção do que se faz supor o que é o bem -, uma auto elevação de uma cultura da qual ela tem seu pertencimento, partindo do pressuposto de que ali, onde tal humanidade se encontra, está à verdade absoluta, leva-a a olhar uma parte outra dela como sendo seu pedaço defeituoso, a cifose que precisa de uma cura, um leproso que necessita da purificação e, aí, se pode decidir como curar tal lepra, ou eliminando-a, o que faz saber que o que foi contagiado permanece vivo, portanto, já não é mais o mesmo, pois sofreu a incorporação do outro que veio do além - mar, ou o extermínio, o modo mais eficaz para acabar com o mal. Conquanto o extermínio seja a maneira mais radical de erradicar a doença, a cura pela possessão é ainda mais violenta, porquanto do enfermo não sobra mais nada, a não ser, uma outra forma de ser. Esse olhar superior se sobrepõe a tudo, até mesmo aos valores absolutos. Aqui, portanto, reside o niilismo, na ausência desses valores e crença de uma superioridade em relação ao outro que está nu. O nu é apenas a demonstração do quanto este é defeituoso (DA SILVA; SILVA, 2015, 2016) e, como tal, urge um conserto, se for producente, caso não seja, pode atear fogo nele, jogá-lo aos cães, escarpelá-lo, estripá-lo, estuprá-lo, enfim, dizimá-lo. O nu é monstruoso porque é pecado, heterotópico, é aquele que tem uma posição ou localização diferente da normal ou usual, a monstruosidade, por sua vez, é aquela que o veste. A monstruosidade não permite o nu. O olhar dos europeus sobre os povos nativos é de conquistador, é de quem está vestido sobre aquele que está nu. É a visão da cura

sobre a doença. E para eles, ela deve ser curada. Mas esse nu era também um corpo a ser explorado pelos seus conquistadores, pois se tratava em todo caso, de um modo simbólico, de uma visão do dominador sobre o outro, em que este, para todo efeito, representava o signo do feminino, da virgem disponível para o coito, da mulher que é destinada a avaliação pelo fato de está numa condição de selvagem – visiva esta do colonizador que, diante da terra tomada, decide fazer do colonizado seu patrimônio, seu objeto de uso, de realização do seu poder, o qual se materializa à medida em que o corpo como uma moça ainda pura é estuprado, possesso -, de modo que as condições impostas a essas novas terras por aqueles que vieram do ultramar não permitiram nenhuma possibilidade concreta de que não se objetivasse o controle real delas, o que levou por assim dizer, ao seu estado de desfloramento e de por um outro lado, num primeiro contato, de participação nas lutas sangrentas juntos aos novos senhores de tribos que se aliaram contra seus inimigos inveterados, seus irmãos das mesmas plagas dominadas. Assim, temos um quadro dinâmico e colorido de uma violência, nesse processo histórico, em que ela se encontra de ambos os lados, embora os estrangeiros se destaquem pela forma de domínio, pois esse é moderno, sofisticado, iluminista, racional, em que tudo é matematizado, é o poder da *ratio*.

A historicidade da Monstruosidade

O encontro dos europeus com os povos autóctones não foram de imediato de choques sanguinolentos, houve antes de tudo, um instante razoavelmente marcado pela troca de culturas, não significa dizer que durante todo o processo colonizador essa troca mútua não tenha perdurado, pois o que mais se deu foi exatamente isso e, até hoje, a herança nativa e europeia é presença forte entre nós, no entanto, é preciso frisar que no que diz respeito ao primeiro momento, pontuado por aquela experiência de começo assustador em ambos os povos, que se caracterizou naquela ocasião por uma incursão cultural, um intercâmbio de características humanas que foram construídas como formas identitárias de distinção de cada povo, logo foi deixada na retaguarda para se dar prioridade aos fins de fato – as guerras de conquistas por aqueles que traziam como certeza -, as verdades eternas representadas pelo cristianismo cujo trabalho espiritual deveria se materializar com a catequização por aqueles em que a catequese ou a doutrina cristã seria o caminho da salvação dos que estavam na condição de pagãos,

afinal de contas, a estes, seu pertencimento era o mal, enquanto aqueles, o bem. Mas no albor da era *adzêneni*, dá início à epopeia dos árias – as conquistas das terras aborígenes com a ajuda dos próprios nativos, claro, as tribos rivais que em suas guerras contra outras consideradas arqui-inimigas, aliaram-se aqueles em batalhas sangrentas. As terras conquistadas e os povos escravizados pelos Deuses que singraram a infinita massa líquida deixaram pouco apouco de existir, as primeiras, como territórios autônomos, os últimos como singularidades. Esse trabalho colonizador foi eficaz, e começou apenas logo no introito com simples ademães, para então, se iniciar outra forma de atenção: as torturas, as fogueiras, as estripações, os cães, empalações, enfim, todo tipo de formas de extermínio, de sacrifícios, que talvez tenham tornado ébrio o Deus cristão com tanto sangue oferendado, e tal holocausto era comum entre os povos conquistados, o que os assemelhava nessa maneira de punição. À eficácia da hecatombe, teve a colaboração dos nativos, mas foi legitimada por Las Casas em seu escrito em latim: “apologia e história”- com intuito de defender os nativos das acusações às quais eram imputados: de serem selvagem por praticarem o sacrifício e canibalismo, o que justificava todo tipo de morte e torturas perpetradas pelos colonizadores-, assim, Las Casas tentou suavizar tais práticas partido do próprio texto bíblico e os exemplos dos primeiros cristãos. As estimativas dos historiadores quanto ao número exato de nativos mortos pelos conquistadores espanhóis não são muito precisas, no entanto, podemos considerá-las, já que, para todo efeito, temos ao menos, algo aproximado:

Sem entrar em detalhes, e para dar somente uma ideia global (apesar de não nos sentirmos totalmente no direito de arredondar os números em se tratando de vidas humanas), lembremos que em 1500 a população do globo deve ser da ordem de 400 milhões, dos quais 80 habitam as Américas. Em meado do século XVI, desses 80 milhões, restam 10. Ou, se nos restringirmos ao México: às vésperas da conquista, sua população é de aproximadamente 25 milhões; em 1600, é de 1 milhão. Se a palavra genocídio foi alguma vez aplicada com precisão a um caso, então é esse. É um recorde, parece-me, não somente em termos relativos (uma destruição da ordem de 90% e mais), mas também absolutos, já que estamos falando de uma diminuição da população em 70 milhões de seres humanos. Nenhum dos grandes massacres do século XX pode comparar-se a esta hecatombe. Compreende-se o quanto são vão os esforços feitos por alguns autores para dissipar o que é chamado de “lenda negra”, estabelecendo a responsabilidade da Espanha nesse genocídio e manchando assim sua reputação. O negrume existia, mesmo que não haja nenhuma lenda. Não que os espanhóis fossem piores do que os outros colonizadores: simplesmente, aconteceu que foram eles que

ocuparam então a América e nenhum outro colonizador teve a oportunidade, antes ou depois, de causar a morte de tanta gente ao mesmo tempo. Os ingleses e os franceses, na mesma época, comportam-se do mesmo modo; mas sua expansão não tem, de modo algum, a mesma escala, logo, os estragos que podem causar também não. Mas poderiam dizer que não faz sentido procurar responsabilidade e nem mesmo falar em genocídio, em vez de catástrofe natural. Os espanhóis não empreenderam um extermínio direto desses milhões de índios, e não podiam tê-lo feito. Se nos voltarmos para as formas que tomou a diminuição da população, perceberemos que são três, e que a responsabilidade dos espanhóis é inversamente proporcional ao número de vítimas causadas por cada uma delas: 1. Por assassinato direto, durante as guerras ou fora delas: número elevado; mas relativamente pequeno; responsabilidade direta. 2. Devido a maus-tratos: número mais elevado; responsabilidade (ligeiramente) menos direta. 3. Por doenças pelo “choque microbiano”: a maior parte da população; responsabilidade difusa e indireta. (TODOROV, 2011, P. 191-193).

Mas, como já foi dito acima, as “civilizações” americanas, como, a inca, caçavam nativos de tribos consideradas por elas mais primitivas, para seus rituais religiosos que eram verdadeiros cultos da fertilidade. Além de escravizarem os nativos mais fracos, que viviam da caça, da pesca e da coleta de frutas, esses povos mais ingênuos, menos sofisticados tecnologicamente, serviam de sacrifício em oferenda para acalmar os ânimos das divindades: havia extração do coração, o fogo, formas sacrificiais de culto dos períodos festivos, de agradecimento pela abundância da vida. De modo que esses povos não só cultivavam a guerra, a violência, mas costumes como o canibalismo e a imolação de seus cativos. Assim, a escravidão, embora tivesse um fim diferente da dos conquistadores europeus, remontava a tempos imemoriais entre os povos ameríndios. A história é em qualquer parte do mundo festa e crueldade (SILVA; DA SILVA, 2014). É interessante dizer algo sobre Bartolomé de Las Casas, um padre que lutou para proteger os nativos dos colonizadores espanhóis, pois afirmavam a inferioridade daqueles pelo costume do sacrifício. Para defesa do sacrifício, Las Casas, recorreu às escrituras sagradas e ao sacrifício ou suicídio dos primeiros cristãos. Vejamos o que Todorov diz sobre Las Casas:

[...] Las Casas afirma que, embora o canibalismo e o sacrifício humano sejam condenáveis em si, não decorre daí que seja preciso declarar guerra àqueles que praticam (...). Las Casas emprega, para isso, dois tipos de argumentos, que desembocam em duas afirmações gradativas (...). O primeiro argumento é da ordem dos fatos, e baseia-se em aproximações históricas, Las Casas quer tornar o sacrifício humano menos estranho, menos excepcional para o espírito de seu

leitor, e lembra que esse sacrifício não está totalmente ausente da própria religião cristã. “Seria possível pleitear de modo convincente, a partir do fato de Deus ter ordenado a Abraão que sacrificasse seu único filho, Isaque, que Deus não detesta completamente que lhe sacrificassem seres humanos (apologia,37). Do mesmo modo, Jafé se viu obrigado a sacrificar sua filha (juízes,11,31). (...). A quem objetasse que todos esses exemplos provém do Antigo Testamento, Las Casas responderia que, afinal, Jesus tinha sido sacrificado por Deus Pai, e que os primeiros cristãos eram igualmente obrigados a isso, a menos que renunciassem à sua fé; essa era, aparentemente a vontade Divina [...] (TODOROV, 2011, P. 271-273).

Destarte, o sacrifício (suicídio) dos cristãos primitivos, e o de Jesus por Deus, tornaram-se exemplos não só para justificar as práticas dos povos indígenas, mas para legitimar o sacrifício em si; é a convalidação da história como o extermínio da vida. A vida é o genocídio, à autoimolação, a maior prova disso são os nossos arquétipos religiosos. Mas deixemos um pouco de lado esse primeiro processo colonizador para darmos um longo salto até o século XIX, no entanto, nunca é pouco lembrar que é exatamente nesse período entre a colonização das Américas e a da África e da Ásia, que se desenvolve o sistema assalariadista, em que os ritos de dominação passam pelas ideias de revolução, liberdade, fraternidade, democracia representativa, razão, onde na Europa, na França, à razão promove a primeira carnificina dos tempos modernos entre tantas outras que estarão por vir, em nome de um regime, democrático, de uma forma de governo, República, de um sistema de governo, constitucionalista, presidencialista ou parlamentarista, da divisão de poderes: executivo, legislativo e judiciário cujo *télos* foi manter em outras formas, a mesma obediência e mando. No auge do processo “civilizador”, as nações poderosas da Europa dividem toda a África entre elas, o que resultou numa incorporação plena, desde o físico as subjetividades dos povos, entretanto, de forma breve, resumiremos com dois exemplos essa A eventualização² graciosamente humana em que o sacrifício nesse primeiro caso estava em ambos os lados:

Em 1905, a rebelião *maj-maji* (assim chamada porque o feiticeiro que estava na sua origem dera uma água mágica da qual as pessoas

² Por *eventualização* compreendemos a capacidade humana de intrusão na *casualidade do outro*, de agir sobre o inesperado do outro, circunscrevendo-o num regime de inescapabilidade e, por fim, de potencialidade do ato infalível. A eventualização implica em impossibilidade de reação. A eventualização não permite a “dialética do Ato”, ou seja, está à margem de causa e efeito, como uma força que as anula através da exterioridade inerente ao inesperado, ao fortuito, ao horizonte de normalidade aparente, *conditio per quam* a monstruosidade se efetiva.

acabaram por dizer que devia transformar as balas em água) traduziu-se na pilhagem dos centros administrativos do Sul do Tanganica e na exterminação dos *funcionários* e *missionários* alemães. Juntaram-se a ela os Ngonis. O governo alemão, colhido de improviso, reuniu um grande exército, que, partido da costa, tudo devastou e queimou à passagem (cubatas, campos e colheitas). Perderam a vida 120 000 pessoas neste genocídio [...] (KI-ZERBO, 1972, p. 97).

Embora um dos primeiros campos de concentração tenha sido inaugurado por *Lênin* e os *bolcheviques* na província de *Tampov*, em que os camponeses foram submetidos a essa valorosa experiência masculina em 1920, os alemães não ficaram muito atrás. Os belgas, no Congo, com a colaboração de mercenários congolezes, foram responsáveis por uma verdadeira hecatombe:

O testemunho dos missionários Weeks, Padfield, Gauman e Harris é esmagador. Para evitar a fuga dos indígenas, cada aldeia era confiada à guarda de um grupo de miliciano (*capite*) e a fuga dos homens ou a insuficiência de borracha trazia consigo operações punitivas que levavam a assassinios públicos dos chefes ou dos seus pelos agentes europeus da Sociedade, a violações ou raptos de mulheres, à mutilação de braços, de pernas, das partes genitais, à empalação de raparigas ou de mulheres, a cenas de canibalismo, ao incesto, dado em espetáculo pelos refratários, obrigados a executá-los em público (...). Dos 20 milhões de congolezes, a metade foi exterminada (KI-ZERBO, 1972, p. 141-143).

Tal facticidade, é uma demonstração do que é a vida. No alvorecer do século XX, no Oriente Próximo, usando o termo bem mais apropriado, segundo Paul Veyne, para aquela sagrada região do mundo, onde o sacrifício é a manifestação do divino, o caos deixado pela incorporação da Inglaterra, possibilitou a eclosão das forças *thymóticas* que estão em potência explosivas no homem. Estamos falando da violência entre israelenses e árabes, e, aqui, não importa quem é quem, no entanto, é interessante compreender como na vida o mais fraco é incorporado. Observemos, então, a entrevista dada por um general israelense sobre a invasão de Israel em março de 1978:

É verdade que [durante a invasão israelense de março 1978] vocês bombardearam aglomerações [de pessoas] indiscriminadamente?
General Gur - Não sou dessas pessoas que tem memórias seletivas. Você acha que vou fingir não saber o que fizemos todos esses anos? O que fizemos ao longo de todo o Canal de Suez? Um milhão e meio de refugiados! Fracamente, em que mundo você vive? [...] Nós bombardeamos Ismailia, Suez, Porto Said e Porto Fuad. Um milhão e

meio de refugiados. Desde quando a população do sul do Líbano se tornou tão sagrada? Eles sabiam muito bem o que os terroristas estavam fazendo. Depois do massacre em avivim, ordenei o bombardeio de quatro vilas ao sul do Líbano, sem autorização. *Sem fazer distinção entre civis e militares?* Que distinção? O que os habitantes de Isbird [cidade grande ao norte da Jordânia, com população majoritariamente palestina] fizeram para merecer ser bombardeado por nós? *Mas os comunicados militares sempre falaram de rebater o fogo e contra-atacar objetivos terroristas.* Por favor, fale sério. Você não sabia que todo o vale da Jordânia foi evacuado de seus habitantes por causa Guerra de Desgaste? *Então o senhor sustenta que a população deve ser punida?* É claro, nunca duvidei disso. Quando autorizei Yanouch [comandante do front norte, responsável pela operação Libanesa] a usar aviões, artilharia e tanques [na invasão], eu sabia exatamente o que estava fazendo. Faz trinta anos, desde a época de nossa Guerra de Independência, que combatemos a população civil [árabe] que mora em vilas e cidades e, cada vez que fazemos isso, surge sempre a mesma pergunta: devemos ou não atacar civis? (SAID, 2011, p. 49=XLIX).

Não há nenhuma dialética em tal conflito sacrificial, não é o fato de haver classes sociais com suas inúmeras nuances que se pode afirmar que a existência dessa estratificação social seja a causa do movimento que transfixa o mundo como a sua própria face; o que se pode ser perceptivo é que estamos diante de energias do *thymos*, daquilo que é inerente a humanidade- as intensidades do ódio que explodem sempre que é necessário quando a razão é contrariada, ou quando o que se acredita como verdade existencial e absoluta apontando para um fim último-, é tratado como desprezível, seja uma cultura religiosa, um regime político, teocrático, autoritário, totalitário, democrático; sejam questões étnicas, territoriais, situação de perseguição, de tomada de território, de invasão, incorporação, de não reconhecimento, enfim, o trágico na história é a possibilidade do ser não se factuar pelo acontecer de outros que lhe tiram possibilidades. As classes são apenas ínfimas manifestações trágicas entre infinitas outras nos acontecimentos da vida. Mas é exatamente esse factuar, essa vontade de poder atávica à vida que impõe o homem à luta, às guerras, à violência, porque a facticidade, de querer acontecer, de poder, de ser diferente, de ter diferentes fins últimos, fenomenologicamente, opõe o homem a ele. Tal oposição lhe dar identidade, e à medida que há possibilidades identitárias (diferença), haverá sempre possibilidades de indiferenças. Levando em conta o acontecer na vida, o fato dela ser tão somente ocorrência, porque urge dizer com toda sinceridade, ela só assim o é entendida, ou possível compreender seu constante deixar de ser pelo que se sucede nela. De modo que

a vida como aquilo que ocorre, que muda a todo instante, não pode ser tida como acontecimento, de forma dualista, sendo, portanto, qualificado o seu acontecer como bem e mal. Não há o bem e o mal, de maneira que o que se pode perceber é que a vida é um acontecer desvairado, incessante, para além do bem e do mal. A angústia, o sofrimento e o desespero humano, são conseqüentemente, desdobramento desse insuperável acontecer. Mas também o sonhar com o amor, acreditar na felicidade, na igualdade, na generosidade, na solidariedade, na fraternidade, são formas existenciais de acontecer na vida; embora seja máscaras que permitem a humanidade esconder sua careta. Assim, na ausência delas, o que fica é a guerra, a indiferença, o ódio, o domínio, racialidade, enfim, as lutas pela permanência do que se acredita. Acreditar é acontecer. De modo que um milhão de sírios desalojados, cento e cinquenta mil civis sob fogo cruzado, centenas de crianças mortas pelos bombardeios em hospitais e escolas sem nenhuma discriminação tanto pelo exército de um governo totalitário, como pelos rebeldes, democratas, socialistas que obstruem o acesso à água, a energia elétrica, a comida, é fruto do acreditar, desse acontecer humano, superfluidamente humano. O povo tem uma disposição ao sacrifício em nome do que acredita, e, quando não, mesmo assim é sacrificado. O sacrifício, portanto, é nossa identidade mais comum. Ora, é preciso que para salvação de alguns ou de muitos, na história, haja o sacrifício. O nosso arquétipo é o sacrifício do próprio Deus. Assim, não foi de nada incomum o emprego de brancos em trabalhos forçados nas Américas, que vieram para os trópicos como engajados e quitadores, acreditando em conseguir terras para sobreviverem; foram submetidos a um regime de quase escravidão, pois, embora não fossem escravos, trabalhavam em condições semelhantes. No começo, assinavam um contrato em que se comprometiam prestar serviço para pagar sua passagem, comida e moradia, esses eram os chamados engajados, ou pagarem à passagem em dinheiro logo quando chegassem, quando não, se efetuava o pagamento em um prazo depois da chegada- os quitadores-, caso não quitassem eram vendidos em leilão. Mas havia outros casos, como o envio pelo governo britânico de criminosos, sendo política deliberada do próprio Estado. Os sequestros de crianças pobres que viviam nas ruas, de adultos, passaram a ser incentivados e tornaram-se regular em cidades como Londres e Bristol. Esposas deixavam seus maridos e vice-versa por credulidade. “O serviço forçado branco foi a base histórica sobre a qual se edificou a escravidão negra” (...) Em larga medida, os africanos chegaram depois, inserindo-se num sistema já desenvolvido”(WILLIAMS,

2012, p. 50). O sacrifício, portanto, como alicerce da história, do trágico como acontecer histórico, é parte da vida, é à vida arraigada em si mesma, é a raiz da qual ela brota. A vida é um transcender horizontalizado, e busca se objetivar no poder, no qual se efetiva no mando, sempre que ela com mais poder domina e escraviza a ela mesma. De modo que a facticidade dela entre infinitas possibilidades de objetivação possui um pendão mais forte- o controle de outras formas de *vita*. Assim, logo após os brancos, continua o sacrifício dos povos africanos, não porque substituíram –no, mas porque ele já havia em suas plagas. Do sequestro à caça e à troca, dos grandes navios tumbeiros singrando o Oceano durante semanas, verdadeiras sepulturas sobre muitas águas, campos de concentração em alto mar, em que os escravos se apinhavam uns sobre os outros, ou se perfilavam em posição semelhante a espinhas de peixe e, quando um por distração, acabava deixando o seu espaço, por qualquer *eventualização*, de imediato, um outro lhe tomava. Tal condição como elaboração humana levava um a sufocar o outro. E o sacrifício ainda persiste; os que adoeciam eram jogados em águas profundas, mesmo estando respirando, amarrados por uma corda, esta, vinculada ao uma enorme pedra que os puxavam para baixo. Nos campos de trabalho escravo, no continente, o sacrifício durou trezentos anos. O século XX, foi o tempo da guerra total. Nunca houve tantas guerras como nesse século. O século das guerras, é o da razão. É o apogeu do sacrifício. Foi o período em que explodiu um elemento social de caráter secular, mas de uma visiva religiosa, já que o seu teologúmeno acenava para um fim último- a construção de uma sociedade comunista, se quisermos atender para esse idealismo hegeliano, transfigurado em materialismo histórico por Marx-, ou se quisermos chamá-lo arbitrariamente, como já foi, de anarquismo, federalismo, enfim, de uma sociedade horizontalizada, sem autoridade em um indivíduo ou grupo de indivíduos, mas como os socialistas convencionais, que pregavam como pastores ébrios pela fé o advento de um novo mundo sem dor e sofrimento. À medida em que Deus vai morrendo, pouco a pouco, até ser tumulado de uma vez por todas, ou seja, de tanto em tanto uma tradição religiosa vai perdendo seu valor último, começa a aparecer outros Deuses, ou ídolos, entre eles estão, o Estado e o socialismo. É este último, que se tornará a partir de Lênin, o primeiro sistema totalitário da história; é o Estado por sua vez, como guardião de um saber, com suas infinitas redes de controle, que nas mãos de Lênin será um instrumento de assassinios, prisões, de voz do tipo: você está detido! Este homem dará início a toda forma de perseguições, determinará que se mate as centenas, o que ele chama de *gulags*,

acabará com todas as formas de organização dos trabalhadores- seus conselhos. É sob seu comando que as detenções se tornarão um inferno, um estado manicômico, porquanto são constantes e infundáveis, em cada esquina, beco, casas, apartamentos, nas ruas, enfim, em qualquer lugar haverá voz de prisão para um destino historicamente trágico. Lênin é sacerdote e vai cumprir com seu ofício:

No seu artigo “ como organizar a emulação”(de 7 e 10 de janeiro de 1918), V. L. Lênin proclamou como tarefa imediata, única e geral “*a limpeza da terra russa de todos e quaisquer insetos nocivos*”. E por “inseto” ele entendia não apenas todos os elementos estranhos”, pela sua classe, mas também os “operários negligentes no trabalho”. (...) Mas ainda: “... em que quarteirão de uma grande cidade, em que fábrica, em que aldeia...não há...sabotadores que se denominam intelectuais? É certo que Lênin, nesse artigo, previa diversas formas de limpezas dos insetos: aqui, prendê-los; ali, pô-los a limpar latrinas; mais além, “depois da saída do cárcere, dar-lhes um cartão amarelo”; enfim, “fuzilar os parasitas”. Havia ainda a escolha entre a prisão “ou o castigo em trabalhos forçados mais duros”. Embora traçasse e sugerisse as orientações fundamentais do castigo, VLadimir ILitch Lênin propunha uma emulação ‘das comunas e das comunidades’, quanto às melhores formas de limpezas (...)[...] Embora V. L. Lênin exigisse, em fins de 1917, para o estabelecimento de “uma rigorosa ordem revolucionária”, que “se esmagassem sem compaixão as veleidades de anarquia dos ébrios, dos rufiões, dos contra-revolucionários e outros personagens “, o que parecia indicar que o principal perigo para a Revolução de outubro advinha para ele dos bêbados, enquanto os contra-revolucionários eram relegados para a terceira posição, a verdade é que ele visava a objetivos bem mais amplos (SOLJENÍTSIN, 1975, p. 37- 38).

Bucólicos que resistiram o sistema clerical secular foram colocados em extensos campos arreados de arames farpados, suas famílias permaneceram confinadas dentro deles, até que os que se revoltaram viessem buscá-las, caso isso não acontecesse, seriam desterradas. O socialismo é um regime político de comuna, que do ponto de vista daqueles que eram chamados de convencionais, os meios de produção- terras, máquinas e indústrias-, devem estar nas mãos dos trabalhadores, no entanto, o que aconteceu em sua instauração foi uma inversão daquilo que até então pairava no campo das ideias, mas, como tudo na prática é diferente, e, se tratando de teoria, mais ainda de idealismos, a possibilidade de sua concretude é de resto mais romântica. É claro que houve uma distorção dos princípios do socialismo por Lênin no que diz respeito à concepção de como ele era idealizado, pois os trabalhadores é que deviam controlar a tudo e não um partido, como se deu de fato com o sistema implantado por

aquele. O que veio a se consolidar como socialismo, e que o mundo acreditou nisso, se desesperando e sonhando, na verdade, houve uma credulidade totalizante nas pessoas, em que os hemisférios e as latitudes se dividiram em socialista e não socialista, pró e contra, foi um verdadeiro golpe de Estado encabeçado por Lênin, seu sumo- sacerdote, um iluminista de primeira ordem por assim dizer. O que Lênin implantou segundo o filósofo Britânico e historiador da intelectualidade, Isaiah Berlin (1954), foi uma religião de Estado, porquanto os intelectuais comunistas, os quais ele chama de clero secular defendiam e legitimavam os horrores Desses. Claro, havia os dissidentes, estes eram perseguidos, detidos e mortos. Rosa Luxemburgo, uma dissidente, pois suas críticas já ecoavam contra a ditadura instaurada em 1917, não foi poupada pelo grande ídolo (Estado). Enfim, todo poste ídolo precisa de um clero, uma classe sacerdotal para apresentar-lhe sacrifício e, nesse grupo eclesiástico secular, Lênin foi numa hierarquia de maníacos pelo poder, o primeiro dos hierofantes. No século XVIII, Immanuel Kant, o filósofo da impessoalidade, da moral, da razão, do iluminismo, do conceito iluminista de menor idade e maior idade, se referindo a dois momentos na vida, o da dependência, e o da autonomia ou independência, que escreve crítica da razão pura, em que ataca os inatistas e aos empiristas, porquanto acreditavam que o conhecimento parte sempre da realidade. Descartes, por exemplo, para ele a realidade primeira é endógena, é a alma, o espírito, e chamava de coisa pensante. Já os empiristas diziam que a realidade era exógena, externa, o mundo ou natureza. Kant, porém defendia que o início da filosofia não podia ser interno ou externo, mas a capacidade de estudar a própria razão, o estudo da faculdade de conhecer, ou seja, que se deveria procurar entender o que é o conhecer, o que é a razão, o que ela pode ou não conhecer, o que é a experiência, o que ela pode conhecer ou não, e não buscar saber o que é a realidade, pois esta toma o lugar da razão, tornando-se o centro. Na razão prática, Kant postula que há no homem uma faculdade racional para à ação, já que existe uma ordem nas suas motivações e inclinações. “A ação deve produzir uma máxima que venha se tornar lei universal”. Escreve a crítica da faculdade do juízo que vai discorrer sobre o pensamento estético, em suma, sobre o conhecimento. Kant, portanto, é um dos grandes representantes do iluminismo, é o filósofo da razão, juntamente com Hegel, que vai dizer que a razão é a própria história, mas irá jogar toda a África num limbo, pois para ele ela não tem história, portanto, os africanos não possuem razão. Kant em seus artigos de geografia defenderá uma tese taxonômica para mensurar o que é humano e o que não é; assim, para ele o homem

branco é a perfeita manifestação do humano, os asiáticos e os ameríndios são intermediários, estão entre o animal e o homem, quanto aos negros, estes são animais. Essas ideias tomam toda a Europa, elas vão servir de base para fomentar outra na soleira do século XX - A superioridade racial. No começo do século XX, o Nazismo, ou Partido dos Trabalhadores do Nacional Socialismo, exterminou milhões de pessoas, ciganos, eslavos, o grupo com a maior quantidade de pessoas exterminadas, deficientes físico, estes eram imprestáveis, verdadeiros sabotadores, já que não serviam para a composição do novo homem- ele teria que ser saudável, perfeito, e o alemão era este, caso não tivesse nenhum defeito físico e mental; se porventura fosse portador de uma dessas cifoses, era descartado. Só judeus morreram quase seis milhões. Todos eles foram eliminados nos campos de concentração. *Einsatzkommandos* forçaram as mulheres e crianças judias a se despirem no gueto de Mizocz antes de serem executadas. Depois do fuzilamento, os agentes alemães terminam seu trabalho atirando na cabeça das que ainda sobreviveram. Execuções ocorreram em Babi Yar, Lomazy, aqui, os alemães guardam os prisioneiros em um campo de esporte antes de executá-los. Em Lomazy, eles cavam sua sepultura coletiva. Os campos eram muitos, havia os de trabalhos forçados e os de extermínios. Os milhares de alemães civis que cooperaram sabiam exatamente o que estavam fazendo- purificando a vida-, construindo um novo mundo mediante a eliminação do mal- milhões de vidas-, para o estabelecimento do bem. A vida é consumida por ela mesma como um bem a ser feito, já que urge eliminar o mal. Os milhões de judeus não conseguiram escapar da vida, não ela em si, ou como se a vive, mas como ela é imposta. Se entregavam livremente, tirando suas roupas, sapatos para o sacrifício, pois nada podiam fazer ante a monstruosidade- a crença de que nasceram para serem perseguidos na história e, que, portanto, nunca irão acabar, porquanto é esse seu destino-, e sobretudo o fato de que o próprio sistema não permitiu para esses nenhuma possibilidade de escapar. É fato, centenas de milhares de judeus participaram da máquina de guerra nazista, foram colaboradores no primeiro momento do sistema que eliminou a priori os mais pobres e, depois, a todos. Judeus que vieram da Palestina, sionistas, representantes da Agência Judaica para a Palestina, o embrião do Estado de Israel até Adolf Eichmann, não tinham em mente nenhuma ideia de salvar seus irmãos mais pobres, não havia nenhuma intenção de salvação, eles não estavam preocupados com isso. Vieram a Eichmann para levar consigo os seus irmãos mais ilustres, eles estavam escolhendo, fazendo uma seleção entre os que estavam nos

campos de concentração, é claro que talvez não soubessem dos verdadeiros objetivos de Eichmann, pois este foi incumbido pelo holocausto judaico, no entanto, é fato que eles selecionaram os melhores judeus- as elites para fundação de seu Estado. O que eles queriam era negociar uma triagem do seu povo com Eichmann, isso pode até parecer generosidade, já que não podiam livrar a todos, mas não foi, porque selecionaram, e de forma bem humana, somente os melhores; não houve possibilidade de somar os mais pobres, isso seria não muito nobre, afinal de contas, era o Estado que estava em questão, precisava-se de sangue azul:

[...]. Um judeu alemão sobrevivente de Theresienstadt relata em uma carta que todas as principais posições do Reichsvereinigung apontadas pelos nazistas eram ocupadas por sionistas (enquanto o Reichsvertretung autenticamente judeu era composto tanto de sionistas como de não-sionistas), porque os sionistas, segundo os nazistas, “eram os judeus ‘decentes’, porque eles também pensavam em termos ‘nacionais’(...)”. Nesses primeiros anos, havia um acordo mútuo altamente satisfatório entre as autoridades nazistas e a Agência Judaica para a Palestina- um Ha’avarah, ou Acordo de Transferência, que permitia que um emigrante para a Palestina pudesse transferir seu dinheiro para lá em bens alemães e trocá-los por libras ao chegar. Isso logo se tornou a única forma legal de um judeu levar consigo seu dinheiro (a única alternativa era a abertura de uma conta bloqueada, que só podia ser liquidada no exterior com uma perda 50% a 95%. O resultado foi que nos anos 30, enquanto o judaísmo norte- americano fazia um grande esforço para boicotar mercadorias alemãs, a Palestina vivia inundada de todo tipo de bens “*made in Germany*”. Mas importante para Eichmanne eram os missionários da Palestina que procuravam a Gestapo e a SS por iniciativa própria, sem aceitar ordens nem dos sionistas alemães nem da Agência Judaica para a Palestina. Eles vinham a fim de convocar ajuda para a emigração ilegal de judeus para a Palestina governada pela Grã-Bretanha, e tanto a Gestapo como a SS ajudavam-nos. Eles negociaram com Eichmann em Viena e relataram que ele era “polido”, “não do tipo que grita” e que chegou a lhes oferecer fazendas e instalações para o estabelecimento de campos de treinamentos vocacional para possíveis emigrantes. (“Em uma ocasião, ele expulsou um grupo de freiras de um convento para jovens judeus”, e em outra pôs à disposição “um trem especial, e oficiais nazistas acompanharam” um grupo de emigrantes que seguiam ostensivamente para fazendas de treinamento na Iugoslávia, para que atravessassem a fronteira em segurança) De acordo com a história contada por John e David Kimche, com “a total e generosa cooperação de todos os atores principais”(The Secret Road: The “Illegal” Migration of a People, 1938-1948, Londres, 1954), esses judeus da Palestina falavam uma língua não totalmente diferente da língua de Eichmann. Eles eram mandados para a Europa pelos assentamentos comunais da Palestina, e não estavam interessados em operações de salvamento: “Não era essa a sua função”. Eles queriam selecionar o “material adequado”, e seu principal inimigo, antes do programa de extermínio, não eram aqueles

que faziam da vida um inferno para os judeus nos velhos países, Alemanha ou Áustria, mas aqueles que barravam o acesso à nova pátria; esse inimigo era definitivamente a Grã-Bretanha, não a Alemanha. Na verdade, eles estavam em posição de negociar com as autoridades nazistas em bases que beiravam a igualdade, coisa que os judeus nativos não podiam fazer, um vez que gozavam da proteção do poder mandatário; estavam provavelmente entre os primeiros judeus a falar abertamente sobre interesses mútuos e foram certamente os primeiros a receber permissão “para selecionar jovens pioneiros judeus” entre os judeus dos campos de concentração. É claro que não tinham consciência das sinistras implicações desse acordo, que ainda estavam no futuro; mas eles, de alguma forma, acreditavam que se era uma questão de salvar judeus para a sobrevivência, os próprios judeus é que deviam fazer a seleção. Foi esse erro de julgamento fundamental que acabou levando a uma situação em que a maioria não selecionada de judeus se viu “inevitavelmente” confrontada com dois inimigos- as autoridades nazistas e as autoridades judaicas. No que se refere ao episódio vienense, a ridícula alegação de Eichmann afirmando ter salvo centenas de milhares de vidas de judeus, que foi caçoada na corte, encontrou uma estranha sustentação no ponderado juízo dos historiadores judeus, os Kimch: “Assim começou o que deve ter sido um dos episódios mais paradoxais de todo o período do regime nazista: o homem que acabaria fazendo história como um dos arquiassassinos do povo judeu entrou para a história como ativo batalhador pelo resgate de judeus na Europa”(ARENDETT, 2013, p. 73-75).

A história da humanidade é uma narrativa que mais parece uma peça de Sófocles, e como diz Antígona: “depois da dor o que resta é o pior”, ela é o cenário da loucura humana, em que essa besta que aprendeu a falar, tornou-se uma facticidade gramatológica, um signo, uma palavra, que nada mais é que pulsão orgânica. É o altar dos sacrifícios, o domínio dos sacerdotes e da multidão arrebanhada, sempre disposta à imolação. É o reino da monstruosidade.

Conclusões

O Mundo moderno, iluminista, o canto seguro da razão - mergulhou em sua mais profunda fraqueza-, a esperança na *ratio*, naquela que haveria de trazer o novo homem e o mundo novo, apostou no fim de todas as superstições, no desmoronamento da fé religiosa, porquanto acreditou na vitória da razão, de que ela seria a salvação dos homens, de que com toda certeza consolidaria a paz e acabaria com as desigualdades entre eles, de que as guerras e a violência deixariam de ter sentido, já que, a princípio, o que as mantém é uma certa forma de produção de riquezas, ou sistema mundial de

produção e circulação dessas riquezas, que os autoproclamados iluministas, ideólogos de um socialismo científico, algo chamado de marxismo, ou quaisquer tipos de socialismos, não importa, crédulos como a mais humilhantes das fés - o cristianismo, bateram-se contra o muro e resmoneando como devotos do ex-voto vilipendiado pelo ataque iconoclasta de sua impossibilidade de se sustentar, caíram em si, e descobriram na sua ingenuidade, como homens de fé, que a modernidade caiu. Ruiu porque os ídolos tem seu ocaso, basta não acreditá-lo mais; desabou-se porque a história não tem um fim, não há nenhum tipo de sociedade que em si traga o fim do acontecer humano, a não ser à sua extinção; degingolou-se porque tudo volta, não ao mesmo ponto, pois seria fatalista, mas como um imperativo que varre do que passou, da experiência da vida passada, dessa existência lá atrás, as retificações dela. Soçobrou porque os ideais são manifestações de nossa existência de dor, ou de poder, mas como toda dor acaba, dando seu espaço a outro modo de sentir dor e, também, semelhantemente, o poder, cessa, e começa outra forma de poder, não para corrigir o que passou, mas para permanecer como sentido da própria vida, a queda é consumada. No entanto, tudo retorna- e, entre tantos retornos, estão as formas de poder e as guerras-, de modo que poder e guerra se não se confundem em um só, são aproximadamente irmãos gêmeos. O século XX, essa estupidez cronológica, foi o berço das guerras totais; a história é a história das guerras, como forma de facticidade do homem, se não fosse assim, ele não teria construído o Estado. E o que é o Estado senão a guerra em forma de poder, legítimo e legal. A técnica pressupõe esse dom da vida, essa loucura humana. A guerra está no homem, assim como o Estado, sua mais bela arte, está para ela. A guerra total foi um acontecer humano que mais marcou o século passado, “a humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial” (HOBSBAWN, 2000, p. 30). Assim, podemos concluir, com este excerto, com dois aforismos de Nietzsche: “A guerra é para o Estado uma necessidade tão grande quanto a escravidão para a sociedade”. “A vida é uma consequência da guerra, a sociedade mesma um meio para a guerra”. Quanto a nós, inferimos: *A vida é monstruosidade, e, em tal condição, acontece na guerra, não porque ela produz a morte, a dor, o sofrimento, mas porque estes estados dela são apenas consequências de sua absurda enormidade em que acontecem sob seu inescapável controle.*

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BERLIN, Isaiah. *Historical Inevitability*. Geoffrey Cumberlege, Oxford University Press, 1954.
- DA SILVA, Wellington Amâncio. *Foucault e indigência – as formas de silenciamento e invisibilização dos sujeitos*. *Problemata - Revista Internacional de Filosofia*, v. 6, n. 3, p. 111-128, 2015.
- _____. *O corpo-invertido como resposta à economia do corpo produtivo-submisso*. In. *Kinesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia (UNESP)*, v. 8, n. 17, 2016.
- _____.; SILVA, José Londe da. *Corpo invertido – A figura do indigente como discurso e como representação*. *Lampejo, Revista Eletrônica do Apoená (Grupo de Estudos em Schopenhauer e Nietzsche)*, no. 7 - semestre 1 - 2015, pp. 114 - 127.
- _____. *Aspectos da existência situada em Heidegger*. In. *Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial*, v. 3, n. 1, 2014.
- SILVA, José Londe; DA SILVA, Wellington Amâncio. *Corpo invertido – em busca de um conceito aproximado*. In. *Clareira-Revista de Filosofia da Região Amazônica*, v. 3, n. 1, p. 191-197, 2016.
- _____.; DA SILVA, Wellington Amâncio. *A face especular da violência e da estética*. In. *Conexão Política*, v. 3, n. 1, p. 87-94, 2014.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffly Dias. – Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos extremos: o breve século XX. (1914--1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra*. Tradução de Américo de Carvalho, do original, *Histoire de l'Afrique noire*. Lisboa: Europa-America, 1972.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Sousa – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *O Anticristo e Ditirambos Dionisíacos*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Sousa – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Sousa – São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Sousa – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Sousa – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Sousa – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SAID; Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. Tradução: M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

_____. *Sobre o Fundamento da Moral*. Tradução: Maria Lúcia Cacciola. – São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SOLJENÍTSIN; Alexander. *Arquipélago Gulag*. Tradução de Leonidas Gontijo de Carvalho. Editora: Difel, 1975

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América. A questão do outro*. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2011.